

Caminho da Serra do Mar, o sonho de uma trilha de 2 mil km

Categories : [Colunistas Convidados](#)

Mesmo concentrando cerca de 70% da população brasileira e seus maiores pólos industriais, a Serra do Mar e suas escarpas abrigam os principais remanescentes da Mata Atlântica. Os diversos reconhecimentos nacionais e internacionais, como o Corredor Ecológico da Serra do Mar (Ministério do Meio Ambiente) e a Reserva da Biosfera da Mata Atlântica (UNESCO), simbolizam essa importância, mas refletem pouco em ações concretas de conservação do território e no engajamento da sociedade na sua proteção. Por isso, a criação de uma trilha de longo curso cruzando a Serra do Mar poderia multiplicar o impulso da conservação na região.

Apesar de abrigar áreas protegidas emblemáticas por suas paisagens excepcionais e importância para a conservação, na maioria dos casos essas áreas estão isoladas ou reunidas em mosaicos com tamanho insuficiente para conservar populações viáveis de muitas espécies em seu território. Manter ou recuperar a conexão entre essas áreas é um dos principais desafios para a conservação da Mata Atlântica brasileira.

Entre as diversas iniciativas internacionais que buscam viabilizar a conexão entre áreas protegidas, uma se destaca pelo envolvimento da sociedade e resultados concretos de proteção e recuperação de corredores: são as trilhas de longo curso. Às vezes com milhares de quilômetros, essas trilhas permitem que uma pessoa percorra a pé grandes trechos em ambiente natural, conectando diversas áreas protegidas e conquistando milhares de parceiros para os esforços de conservação.

Os efeitos positivos da Trilha Apalache

São numerosos exemplos no mundo inteiro, incluindo experiências na Europa, Austrália, América do Sul e África, mas a primeira e mais famosa iniciativa deste tipo se deu na costa leste dos EUA, onde em 1921 [Benton Mckaye](#) propôs o estabelecimento da [Appalachian Trail \(Trilha Apalache\)](#), cruzando toda a cadeia de montanhas Apalaches, com extensão de 3.500 quilômetros entre os estados da Georgia e do Maine. A Appalachian e outras diversas trilhas longas que a seguiram foram institucionalizadas dentro do [U.S. National Park Service](#) em 1968 pela publicação do [National Trails System Act](#), decreto que reconhece essas trilhas como uma categoria de área protegida, no contexto do [SNUC](#) dos Estados Unidos.

A *Appalachian Trail* cruza 2 [parques nacionais](#) e 23 estaduais, além de diversas unidades de outras categorias, totalizando 75 áreas protegidas federais e estaduais. Muitas delas foram criadas para proteger a trilha e terras foram adquiridas pelo Poder Público ou doadas por particulares para a recuperação de corredores em áreas antes ocupadas por pastagens ou plantações. Tudo isso para permitir que os caminhantes passassem apenas por áreas naturais.

Além da recuperação de [corredores](#), a *Appalachian* tem um efeito fantástico na sensibilização e mobilização da sociedade em prol da conservação. Caminhar na trilha cria um sentimento de pertencimento que faz com que pessoas se mobilizem para proteger as Montanhas Apalaches e a trilha, que elas tratam como suas, como um direito público, quando grandes empreendimentos a ameaçam. Mesmo que só tenham percorrido um pequeno trecho a centenas de quilômetros do local em questão, milhares de caminhantes se mobilizam para pressionar os responsáveis e garantir a conservação da trilha.

Que tal uma super trilha na Serra do Mar?

O exemplo da *Appalachian Trail* é a inspiração para o Caminho da Serra do Mar. Por que não unir as muitas trilhas existentes e permitir que se percorra toda a extensão dessa cadeia de montanhas a pé, unindo parques e paisagens maravilhosas da costa brasileira?

A trilha passaria por pelo menos 6 parques nacionais, 18 parques estaduais e cerca de 30 outras unidades de conservação federais, estaduais e municipais. Seriam pouco mais de dois mil quilômetros, dos quais grande parte já existe. A malha de trilhas atual pode, em um primeiro momento, ser conectada por pequenas estradas rurais, até que, a exemplo da *Appalachian Trail*, se viabilize a recuperação de corredores ou a implantação de trilhas de conexão.

Nossa viagem começaria no [Parque Estadual da Serra do Tabuleiro](#), em Santa Catarina, partindo em direção ao [Parque Nacional da Serra do Itajaí](#), passando por Florestas Nacionais e pequenas áreas protegidas, inclusive particulares. Ao entrar no Paraná, o caminhante cruzaria o [Parque Nacional Saint-Hilaire Lange](#), e chegaria ao [Parque Estadual do Marumbi](#) antes de descer a Serra da Graciosa e chegar a Guaraqueçaba e à Baía de Paranaguá. Após passar pela Ilha do Mel e o Superagüi, nosso viajante chegaria ao Estado de São Paulo pela Ilha do Cardoso e o [Mosaico da Jureia](#).

A partir daí, o trilheiro poderia subir a serra para conhecer as cavernas do Vale do Ribeira, Intervalos e Carlos Botelho, cruzando a já existente Trilha do Continuum. Voltando para o litoral, seria possível serpentear pelas diversas trilhas que conectam o planalto paulista ao litoral nos diferentes núcleos do [Parque Estadual da Serra do Mar](#). Após um passeio pela Ilhabela, nosso viajante ingressaria no [Parque Nacional da Serra da Bocaina](#), pisando nas areias das belas praias da Ponta da Juatinga, antes de subir aos campos de altitude e descer novamente, agora pelo caminho em pé de moleque que desemboca na vila histórica de Mambucaba, pela famosa Trilha do Ouro.

Após a tradicional [Volta da Ilha Grande](#), nosso incansável caminhante chegaria de barco à Restinga da Marambaia (por que não sonhar com a abertura desta área militar a partir da pressão de tantos apaixonados pela trilha?). Da Marambaia ele ingressaria na [Trilha Transcarioca](#), que quase 15 anos depois da proposta do ambientalista [Pedro da Cunha e Menezes](#) finalmente está

saindo do papel e já tem grande parte dos seus 180 quilômetros implantados.

Após passar por alguns dos mais famosos ícones turísticos do país, como o Corcovado e o Pão de Açúcar, o caminhante faria como os viajantes do século XIX. De barco singraria a Baía de Guanabara, caminharia ao lado da primeira ferrovia do Brasil, a Estrada de Ferro Mauá antes de subir pelo leito intocado da antiga Estrada Real (Caminho Novo da Estrada do Ouro), já em área do [Parque Nacional da Serra dos Órgãos](#). Este trecho, conectado à fantástica Travessia Petrópolis-Teresópolis, soma seis dias de caminhada e já vem sendo chamado de [Caminhos da Serra do Mar](#). Essa trilha já está sendo ampliada para o [Parque Estadual dos Três Picos](#).

Dali, o caminhante seguiria até o [Parque Estadual do Desengano](#) onde se encerraria nossa jornada de cerca de dois mil quilômetros pelas mais belas paisagens da costa sul e sudeste do país.

As [Unidades de Conservação](#) de proteção integral conectadas pela trilha totalizam mais de um milhão e cem mil hectares. Se considerarmos as unidades de uso sustentável e os corredores esse número passa de dois milhões de hectares. Nessa área vivem mais de 150 espécies ameaçadas de extinção, entre os quais a onça-pintada (*Panthera onca*) e o maior primata das Américas, o muriqui (*Brachyteles arachnoides*), que podem ser favorecidas pela maior conexão entre os remanescentes florestais. A trilha também geraria renda local, incentivando o turismo ecológico e de base comunitária e valorizando as culturas locais.

Impulso para conservar

O Caminho da Serra do Mar, a "Appalachian Trail brasileira", seria um grande eixo para a conservação, ajudando a gerar na sociedade um sentimento de pertencimento em relação à [Mata Atlântica](#), unindo as três esferas de Governos e a sociedade civil em ações concretas de proteção e recuperação de áreas e integrando os esforços de conservação ao anseio por contato com a natureza e a sensação de vida ao ar livre, cada vez mais valorizados pela população crescentemente urbana do país. Por enquanto é apenas uma ideia ou um sonho, mas já está virando projeto pelas mãos de gestores, voluntários e instituições, como o [WWF \(World Wildlife Fund\)](#), e pode virar realidade. A *Appalachian Trail* existe há quase 90 anos e ainda está em construção. Precisamos começar o quanto antes.

***Ernesto Viveiros de Castro** é Biólogo, mestre em Ecologia, analista ambiental do ICMBIO, hoje, na posição de chefe do Parque Nacional da Tijuca. Sua experiência em percorrer trilhas de longo curso inclui a Appalachian Trail, Pacific Crest, Hoerikwaggo (África do Sul), e travessias na Serra dos Órgãos, Chapada Diamantina, Chapada dos Veadeiros e Itatiaia. É membro da Câmara Técnica do Mosaico Carioca, responsável pela implantação da [Trilha Transcarioca](#).

Leia também

[A Transcarioca de ponta a ponta](#)

[Por favor, me deixe conhecer \(quem sabe viro conservacionista?\)](#)

[Todos os caminhos da Transcarioca](#)

[Quando existe lei, não existe "eu acho"](#)